

DE ESPANHA NEM BOM VENTO NEM BOM CASAMENTO

a figura do espanhol nas narrativas de José Riço Direitinho

Silvana Maria Pessoa de Oliveira
UFMG

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a maneira como a ficção portuguesa das duas últimas décadas vem refletindo sobre as representações históricas e ficcionais que caracterizam, de forma ambígua, contraditória e às vezes bastante negativa, a presença do espanhol na Literatura Portuguesa Contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura portuguesa contemporânea, crítica literária,
José Riço Direitinho

José Riço Direitinho é um dos mais destacados nomes da novíssima geração de ficcionistas portugueses, ao lado de Mafalda Ivo Cruz, Possidônio Cachapa, Jacinto Lucas Pires, José Luis Peixoto, Tereza Veiga, Julieta Monginho, entre outros. Dos seus até então publicados cinco livros, dois deles, *O relógio do cárcere* e *Breviário das más inclinações* privilegiam a abordagem ficcional das relações entre Portugal e Espanha ao longo do século 19 e primeira metade do século 20, mais precisamente até o final da Guerra Civil Espanhola (1936-1939).

Durante esse período, inúmeros espanhóis, principalmente os habitantes da região da Galiza, refugiaram-se no norte de Portugal, a fim de escapar aos horrores e arbitrariedades impostos pela perseguição política encetada pelo regime de Francisco Franco a seus opositores, muito embora a nação portuguesa também estivesse sob o jugo de outra ditadura, a de António de Oliveira Salazar. Com os refugiados políticos, chegam também os trapaceiros, os burlões, as mulheres de “comportamento duvidoso”, personagens que irão plasmar-se à bucólica paisagem nortenha, a ela incorporando-se.

Em *Breviário das más inclinações*, de José Riço Direitinho, Vilar dos Loivos é o cenário que acolherá os espanhóis em fuga. Ao mesmo tempo que as coordenadas geográficas e espaço-temporais acham-se objetivamente referenciadas no norte português e na fronteira luso-espanhola nota-se um constante movimento narrativo de desreferencialização do espaço. Prova disso são os nomes dos logradouros públicos e localidades próximas a Vilar dos Loivos, os quais remetem inequivocamente para uma indeterminação espacial, tal como se pode ver nestes exemplos listados: Alto do Cervo, Casa do Seixo, Quinta da Moura Morta, Caminho da Abelheira, Pedra do Mocho, Vale Pedrão, Caminho do Canavial, Casa da Eira.

Essa oscilação entre a referencialidade e a indeterminação, entre a fabulação mítica e a consciência histórica, entre o natural e o mágico, entre o universal e o particular constitui a pedra de toque de uma ficção que se assume como artifício e jogo, sem deixar, contudo, de reconhecer as marcas de uma temporalidade que a singulariza enquanto produto de uma determinada cultura, historicamente delimitada e geograficamente posicionada.

É em um contexto marcado por conflitos e tensões, por vezes arcaicos, que estão ambientadas as duas primeiras narrativas de José Riço Direitinho denominadas, respectivamente, *A casa do fim* (1992) e *Breviário das más inclinações* (1994). Personagens como Puríssima de la Concepción, o cego Dom Camilo (natural de Iria Flávia e espécie de duplo do escritor Camilo Cela,¹ de cuja obra *São Camilo* (1936) é retirada uma das epígrafes do *Breviário das más inclinações*), o vendedor de relógios, o fidalgo Afonso Airas de Navarra, os ciganos andaluzes, o agiota de Pedralva de la Praderia, as dançarinas Maria de los Placeres e Marí Carmen Ventura compõem um complexo e diversificado painel de tipos associados à cultura espanhola e, mais especificamente, à galega e à andaluza.

Tais personagens movem-se em um território ficcional que retoma o imaginário arcaico bastante presente no espaço rural à castelhana que aparece encenado em *Breviário das más inclinações*. A narrativa exprime, assim, certa tonalidade trágica e funesta que faz com que determinadas personagens por mais que busquem jamais consigam escapar a um destino que já no nascimento as assinala. Exemplo típico deste desígnio está expresso no protagonista José de Risso, que a despeito de seus poderes mágicos, obtidos graças ao conhecimento acerca do poder curativo da flora campestre, não logra escapar da trágica sorte que lhe fora destinada.

UM PÍCARO DE MÁS INCLINAÇÕES

Um dos elementos do imaginário arcaico que parece ser retomado nessa narrativa é aquele que diz respeito à presença de traços do modelo narrativo típico da literatura pícaro produzida na Espanha, entre os séculos 16 e 17, cujos representantes emblemáticos são o *Lazarillo de Tormes* (1554), o *Pícaro Guscán de Alfarache* (1599) e *Historia de la vida del Buscón* (1626). Não parece fortuito, portanto, o envolvimento dos personagens espanhóis com atos de burla, delinquência e malandragem, numa clara referência a este tipo de narrativa protagonizada por anti-heróis pícaros.

De modo geral, o núcleo narrativo originário do romance picaresco pode ser sintetizado, segundo Mario Gonzalez, como sendo a “pseudo-autobiografia de um anti-herói que aparece definido como marginal à sociedade; a narração das suas aventuras é a síntese crítica do processo de tentativa de ascensão social pela trapaça; e nessa narração é traçada uma sátira da sociedade contemporânea do pícaro”.²

¹ Camilo José Cela é referência recorrente na obra de José Riço Direitinho. O escritor galego aparece referenciado em *A casa do fim* e em *O relógio do cárcere*, o que atesta sua posição de figura tutelar no universo literário deste escritor português.

² GONZÁLEZ. *O romance picaresco*, p. 42.

Inscrevendo-se como possível manifestação contemporânea da picaresca no interior de uma literatura que não tem tradição significativa no gênero, o *Breviário das más inclinações*, a despeito de se constituir como a narração das aventuras de um farsante, expande o leque de suas possibilidades. Vilar de Loivos é um microcosmo do submundo de pícaros que a povoam. As “más inclinações” do personagem José de Risso, tais como a burla, a trapaça, a astúcia, o gosto pelo jogo, o estelionato, a rejeição do trabalho são os ingredientes que o transformam em pícaro. Estas más inclinações, comprovadas já ao nascer, a ponto de constituírem marca de nascença, são potencializadas pela chegada dos espanhóis, aos quais o protagonista se alia para incrementar suas aventuras. Exemplar disso é o fascínio precoce de José de Risso pelos espanhóis, comprovado pela atração que sobre o menino exerce a chegada da cigana e dos saltimbancos à aldeia.

Se a princípio os espanhóis que chegam à aldeia portuguesa o fazem por motivos elevados, pois são fugitivos da guerra civil que assola seu país, em seguida aporta uma leva de representantes dos estratos mais baixos da sociedade, tais como ciganos, saltimbancos, loucos, viúvas prostituídas, contrabandistas. É significativo que estas personagens estejam ligadas à representação do espanhol como marginal em luta pela sobrevivência, dado que anuncia o claro propósito de estabelecer diálogo com a tradição picaresca do romance oriundo da Espanha. Por isso é que ao se juntar aos espanhóis, José de Risso reforça, por assim dizer, as suas más inclinações. Sua ligação com a viúva Puríssima de la Concepción, a quem se alia, para entre coisas, a prática do roubo atesta essa condição.

Ressalte-se que Puríssima (e esse nome não é arbitrário) é proprietária do único bordel do povoado, fato que vem reforçar, no imaginário português, a imagem da espanhola como mulher fogosa, sem escrúpulos, perigosa. Não se pode esquecer, também, que paira sobre Puríssima a acusação de haver patrocinado o assassinato do marido.

Outra figura ligada aos espanhóis é o Lobo de Espadañedo, fera que habita o outro lado da fronteira, mas que costuma incursionar por Vilar de Loivos, onde aterroriza a população devido à crueldade com que abate suas vítimas.

As armas utilizadas nas malfetorias e delitos praticados por José de Risso são, significativamente, de procedência espanhola ou lhe foram presenteadas por espanhóis. Com importante função narrativa, uma destas armas é uma velha navalha espanhola, que lhe serve de instrumento para algumas de suas infrações. Outro de seus apetrechos é uma velha espingarda, também de origem espanhola, que lhe fora presenteadada por um espanhol. Parecem claras as ligações entre o burlão de Vilar de Loivos e a tradição pícaro dos heróis farsantes e contraventores.

Isso ocorre talvez porque são os espanhóis, nesse universo de pícaros que é Vilar de Loivos, as personagens que podem encarnar, retomando-a, a condição do herói pícaro na ficção da contemporaneidade ibérica. Ao situá-los em um universo rural com traços arcaicos, José Riço Direitinho pode estar chamando a atenção para a impossibilidade da existência de heróis pícaros nas grandes cidades cosmopolitas. Contudo, ao escrever uma narrativa livre de reflexões moralizantes e ao dar ênfase ao submundo de burlões e trapaceiros, o escritor recombina, baralhando-o, o intertexto da novela picaresca oriunda da Península Ibérica. Ao dar continuidade à tradição do herói pícaro, *Breviário das más inclinações*, ao mesmo tempo que constitui uma homenagem a essa tradição narrativa, põe em circulação uma das mais fascinantes personagens da literatura atualmente produzida em Portugal.

Pode-se então pensar que Vilar de Loivos, lugar arquetípico perdido nos rincões agrestes do norte português, torna-se a representação mítica de um espaço onde personagens marginais à sociedade de consumo e massas da era da globalização se movem. A própria designação “vilar” atesta essa característica, já que uma das acepções da palavra é justamente “fração de vila rústica medieval”. Refugiado, ele também, nesse mundo agônico, onde as pequenas fraudes e trapaças são o principal expediente para a sobrevivência, vive o ambíguo personagem pícaro, que por deter o conhecimento acerca do poder curativo das ervas, torna-se um misto de médico e bruxo sem, contudo, deixar de praticar as inúmeras variantes da burla e da trapaça que o distingue e caracteriza.

A propensão às más inclinações e o gosto do protagonista pela condição marginal aproximam-no, como se procurou demonstrar, da tradição picaresca do romance espanhol. Contudo, ao fazer incidir sobre o espanhol uma variada gama de atribuições negativas, retoma-se, pela via da ficção, a histórica tensão existente entre os dois países ibéricos, que deu azo à circulação, em Portugal, do ditado que dá título a este texto.



RESUMÉ

L'objectif de ce travail est d'analyser comment la fiction portugaise des deux dernières décennies questionne les représentations historiques et fictionnelles qui caractérisant, sous forme équivoque, contradictoire et parfois négative, la présence de l'espagnol dans la Littérature Portugaise Contemporaine.

MOTS-CLÉS

Littérature portugaise contemporaine, critique littéraire,
José Riço Direitinho

REFERÊNCIAS

- DIREITINHO, José Riço. *A casa do fim*. Porto: Asa, 1992. 178 p.
- DIREITINHO, José Riço. *O relógio do cárcere*. Porto: Asa, 1997. 160 p.
- DIREITINHO, José Riço. *Histórias com cidades*. Porto: Asa, 1997. 208 p.
- DIREITINHO, José Riço. *Breviário das más inclinações*. Rio de Janeiro: Griphus, 2001. 171 p.
- DIREITINHO, José Riço. *Um sorriso inesperado*. Porto: Asa, 2005. 156 p.
- GONZÁLEZ, Mario. *O romance picaresco*. São Paulo: Ática, 1988. 91 p.
- TÁLENS, Jenaro. *Novela picaresca y práctica de la transgressión*. Madrid: Júcar, 1975. 283 p.